

"E AGORA VAMOS APAGAR AS LUZES ELÉTRICAS PARA VER COMO FICA"

Rosana Kohl Bines é doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Chicago e possui pós-doutorado pela PUC-Rio. É professora assistente de Literatura do Departamento de Letras da PUC-Rio e consultora da Cátedra UNESCO de Leitura/PUC-Rio. E-mail: rkbinas@gmail.com

Aos estudantes

É sobre a fome de estudo que desejo lhes falar hoje, a partir de pequenos trechos de obras ficcionais e ensaísticas, colhidos de maneira breve e um tanto intuitiva, para compor um campo de reverberações ao redor da figura do estudante e da ação de estudar. Minhas interferências serão mínimas, frases pontuais, intercaladas entre as citações, com o único propósito de liberar entre elas uma força qualquer de atração. Não se quer tanto explicar ou desenvolver os trechos citados, mas posicionar entre eles uma emissão discreta, que os empurre para algum lado, provocando um desequilíbrio na direção da citação seguinte, de modo abrir canais de passagem e zonas de contato, simulando um movimento contínuo de pensamentos, que se conectam por impulso associativo e multiperspectivo. Ao modo da brincadeira infantil da palavra-puxa-palavra, vai-se agregando um novo bloco por vez, sem a preocupação em verticalizar sentidos. O que importa é garantir o fluxo e seguir em frente.

Ponto de partida: Franz Kafka e sua galeria de personagens-estudantes em diálogos reiterativos.

Lá existem pessoas - Imaginem! - que não dormem!

- E por que não?
- Por que não ficam cansadas.
- E por que não?
- Porque são loucas.
- Então os loucos não ficam cansados?
- Como é que os loucos poderiam ficar cansados? (Franz Kafka, "Crianças na Rua Principal")

- Mas quando dorme? – perguntou Karl, olhando admirado para o estudante.
- Ah é, dormir! – disse o estudante – dormir eu vou quando terminar meus estudos. Por ora eu tomo café preto. (Franz Kafka, *Amerika*)

Sobre este trecho, Walter Benjamin pontifica:

Os estudantes não dormem, por causa de seus estudos, e talvez a maior virtude dos estudantes é que se mantêm acordados. O artista da fome jejua, o guardião da porta silencia, e os estudantes velam (Walter Benjamin, "Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte").

Mas o que velam os estudantes senão o próprio estudo? Permanecem acordados, zelando para que o estudo seja interminável:

Investigar [1]
Que estás a fazer, perguntam-te.
Investigo - respondes.

Investigar [2]
Mas não investigas: divertes-te.
Crias dificuldades e conceitos para atrasar a tua chegada.
(Gonçalo M. Tavares, *breves notas sobre ciência*)

Se são loucos os estudantes insones, quando não se cansam de estudar e entram no modo Sherazade, retardando perpetuamente a conclusão, sempre à caça de alguma outra coisa, localizada em outra página de um outro livro, é porque na ação de estudar há corpo. É também de natureza cênica o estudo. Visualiza-se por um momento a visão que tem Karl Rossman de sua sacada, quando observa durante a noite, em silêncio, o estudante em meio aos livros.

Olhava em silêncio para o jovem que lia o livro, virava as páginas, de quando em quando consultava algo num outro livro que ele agarrava sempre com um gesto de uma rapidez fulminante, e muitas vezes fazia anotações num caderno, e ao fazê-lo afundava sempre o rosto de um modo surpreendentemente rente à página. (Franz Kafka, *Amerika*)

O estudo incansável compõe uma pantomima de gestos risíveis, quando observados à distância, por alguém apartado da cena. Alonga-se a descrição, da parte de outro narrador:

[...] o estudante parece muito agitado. Sua mesa vai se enchendo de livros abertos. O estudante levanta-se e volta a se sentar, movimenta compulsivamente as pernas, passa de um livro a outro, escreve e torna a ler, às vezes fala em voz alta, atropela as palavras sem sentido. Sua respiração se faz mais intensa, seu ritmo cardíaco acelera-se, seus perfis tornam-se agudos e se fazem quase sempre transparentes, de tão afilados. (Jorge Larrosa, "Imagens do estudar")

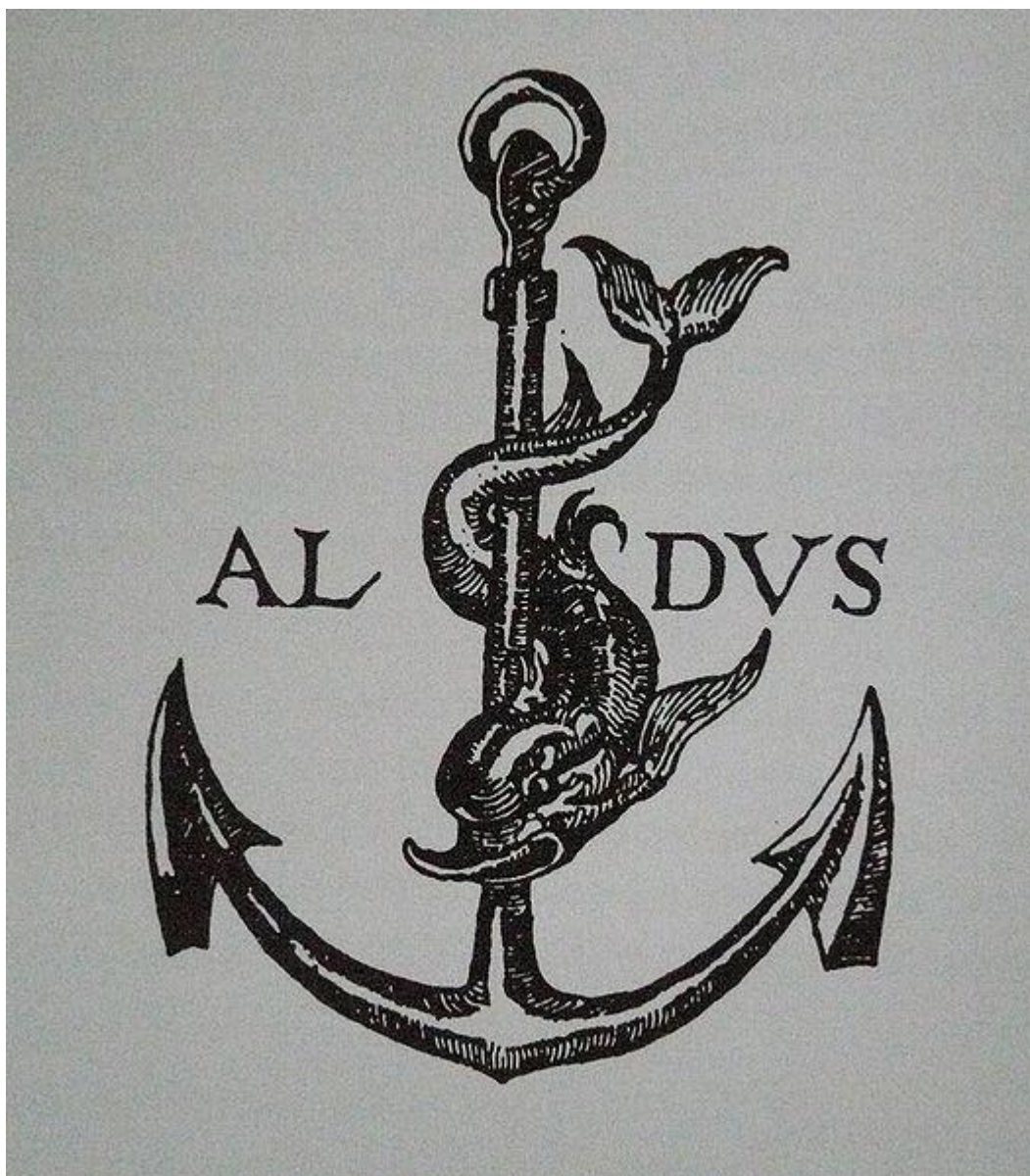
Não é de se estranhar que estudando, os estudantes percam o fôlego e que, no limite, a agitação frenética seja vizinha de certa melancolia. É na flutuação de determinadas posturas corporais e estados de espírito, associados, por um lado, à euforia das ideias proliferantes, e por outro, à paralisia e esgotamento diante de tantos caminhos abertos, que Giorgio Agamben detecta um ritmo peculiar ao estudo:

A etimologia da palavra *studium* torna-se então transparente. Ela remonta a uma raiz *st-* ou *sp-*, que designa o embate, o choque. Estudo e espanto (*studiare* e *stupire*) são, pois, aparentados neste sentido: aquele que estuda encontra-se no estado de quem recebeu um

choque e fica estupefato diante daquilo que o tocou, incapaz, tanto de levar as coisas até o fim, como de se libertar delas. Aquele que estuda fica, portanto, sempre um pouco estúpido, atarantado. Mas, se por um lado ele fica assim perplexo e absorto, se o estudo é essencialmente sofrimento e paixão, por outro lado, a herança messiânica que ele traz consigo incita-o incessantemente a prosseguir e a concluir. Esta *festina lente*, esta alternância de estupefação e de lucidez, de descoberta e de perda, de paixão e de ação constituem o ritmo do estudo." (Giorgio Agamben, "Ideia do estudo")

O estudo como *Festina lente*: uma expressão latina, atribuída ao imperador romano Augusto, e que significa "Apressa-te devagar". O imperador acreditava que um bom comandante militar não deveria jamais afobar-se na condução da guerra, mas sim agir com presteza e presença de espírito, combinando num só gesto ação resoluta e cautela. Várias moedas de ouro foram cunhadas no tempo de Augusto para exibir em imagens o lema do imperador. Estas moedas estampavam ora uma tartaruga em cujo casco pousava uma borboleta, ora uma lebre associada a um caramujo, e a mais popular delas, um golfinho enroscado numa âncora.





O estudo imaginado na temporalidade complexa do oxímoro "Apressa-te devagar" desdobra outras formulações. Para o escritor angolano Gonçalo M. Tavares, o estudo não apenas como leitura, mas como produção escrita de pensamento, deveria caminhar mais lentamente se quiser chegar a um texto mais veloz. Quão mais devagar se estuda, mais depurados o pensamento e a escrita, e por conseguinte, menos páginas se produzem, porque dispor de mais tempo não deveria significar escrever mais, e sim cortar, sintetizar, selecionar, tornar mais precisa a expressão. O texto ganha em rapidez e agilidade se o estudo demora:

Wittgenstein, numa pequena passagem em um de seus livros, diz que se dois filósofos se encontrassem na rua, o que deveriam dizer um ao outro seria: *mais devagar*. É o que penso. Duas universidades, caso se cruzassem na rua, deveriam dizer uma à outra: *mais devagar* [...] Há aquela célebre expressão ou ideia que costumo sempre utilizar, do Padre Antonio Vieira que, ao escrever uma carta muito longa a um amigo, ao final, pede-lhe desculpas por enviar algo tão extenso e por não ter *encontrado o tempo* para fazê-lo mais curto. Portanto, a universidade, de certa maneira, também deveria ter tempo para tornar mais curtas e mais exatas as coisas que produz. O problema é que, muitas vezes, quando não se dá esse tempo, publicam-se, por exemplo, 40 páginas em que há duas ou três delas interessantes. E não são páginas concentradas ou contíguas: há três ou quatro linhas numa página, depois mais quatro linhas noutra, e assim por diante [...] O tempo é o nosso colaborador mais antigo e sensato. É um luxo dispensá-lo. (Gonçalo M. Tavares, "De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda")

Esse dar-se ao tempo que Gonçalo reivindica como prerrogativa do estudante tem a ver com uma necessidade de deixar cair as partes mais fracas das ideias e salvar apenas as partes fortes, algo para o qual, ele acredita, o tempo colabora. Tal adensamento das partes fortes repercute numa espécie de cartografia da escrita e da leitura.

Eu gosto da ideia de exatidão. A frase, por exemplo, é um espaço que existe entre dois pontos finais. Entre esses dois pontos finais há um espaço que deve ser ocupado de uma forma rápida, exata, útil. Toda ocupação deste espaço deve ser fertilizante, no sentido de provocar alguma coisa e, de modo algum, ser apenas a ocupação sem consequências. Portanto, trata-se da ideia de que a ocupação desse espaço esteja muito relacionada à produção de sementes e de ressonâncias que saltem para fora do espaço ocupado. Portanto, eu gosto da ideia da frase exata a ocupar um espaço concreto, mas que, depois, quando o leitor a lê, sente que tem uma série de estilhaços que ultrapassam a área em que estava inserida. (Gonçalo M. Tavares, "De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda")

Talvez se possa pensar o que o escritor não previu: que ao menos algumas destas partes que se projetam para fora da área ocupada pela frase útil sejam exatamente as partes fracas que foram ficando por terra no curso do tempo. Aqueles pensamentos não aproveitados na ação executada da escrita, mas que poderiam sempre ter acontecido em seu lugar. Esta zona de sombra composta de parcelas descartadas de pensamento atormenta as noites insones dos estudantes, enchendo-os de dúvidas sobre o material que produzem. E se a frase apagada fosse justamente a senha para engatar uma fileira de outras frases em direção mais proveitosa? Como avaliar a força daquilo que foi ignorado?

No remoto século VIII d.C., o sábio Al-Jāhiz, um dos grandes nomes da tradição literária árabe clássica, procurou trabalhar essa questão no seu *Livro das coisas vivas*, um tratado sobre as debilidades humanas frente às virtudes dos animais:

O homem é feito de tal forma que, quando realiza um ato que é difícil de ser finalizado, é capaz de se dedicar a um outro que seja menos difícil [...] Deus criou o homem para ser capaz de tal desempenho, mas não deu esse poder para as outras espécies animais; embora cada uma delas saiba como realizar certas ações que mesmo o mais habilidoso dos homens, esforçando-se ao máximo, não pode igualar, os outros animais não são capazes de praticar outras ações mais fáceis. (Al- Jâhiz *APUD* Daniel Heller-Roazen, *Ecolalias*)

O professor de literatura Daniel Heller-Roazen, leitor de Al- Jâhiz, comenta:

Veja-se, por exemplo, os pássaros que o autor árabe tanto admirava. Cantam com exatidão melódica e métrica infalíveis, despejando sons que são como que "preparados para modulação e harmonia, obedecendo a leis prosódicas e rítmicas". Não podem fazê-lo de outra maneira. Se os seres humanos, por outro lado, não conseguem cantar alguma canção, podem sempre, de acordo com al-Jâhiz, entoar uma mais simples, uma menor. Também podem cantar desafinados, e fora do tempo, distorcendo a composição que pretendem executar. (Daniel Heller-Roazen, *Ecolalias*)

E podem também, ao fim e ao cabo, não cantar, como imaginou Melville, séculos mais tarde, quando criou o seu Bartleby, o escrivão que preferia não escrever. O sábio árabe sugere que o que é específico às ações humanas é a sua capacidade de serem sempre potencialmente menores do que si mesmas.

A consequência disso é que não se pode compreender qualquer coisa humana em seus próprios termos. Para entender uma ação humana como tal, é necessário olhar para as sombras dos atos menores, que ela inevitavelmente projeta ao redor de si: aqueles atos não realizados que são menos do que a ação executada, e que poderiam sempre ter ocorrido em seu lugar, ou, inversamente, aqueles outros atos não realizados em relação aos quais ela é menos do que poderia ter sido (Daniel Heller-Roazen, *Ecolalias*).

Na vida dos estudantes, os livros não lidos, as páginas não escritas, as referências desconhecidas, ocupam uma dimensão abissal. Diante da diversidade da experiência humana e das práticas artísticas hoje, agrava-se o sentimento do saber que nos falta. No campo das letras expandidas, o desafio maior tem sido o de articular os saberes que sabemos com os saberes que ignoramos. Esta frase benfeita é de Boaventura de Souza Santos, pensador português, que tem enfrentado as incertezas epistemológicas do nosso tempo pela assunção de uma certa ignorância, que avalia ser de base para compor qualquer reflexão sobre o presente. Socorre-o neste elogio do não-saber o antigo Nicolau de Cusa, filósofo e teólogo alemão do século XV, que escreveu a obra *A Doutra Ignorância*:

Com efeito, nenhum outro saber mais perfeito pode advir ao homem, mesmo ao mais estudioso, do que descobrir-se sumamente douto na sua ignorância, que lhe é própria, e será tanto mais douto quanto mais ignorante se souber. (Nicolau de Cusa *APUD*

Boaventura Souza Santos, " A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal")

[...]

A novidade de Nicolau de Cusa reside em que ele usa o pretexto da infinitude de Deus para propor um procedimento epistemológico geral, que vale para o conhecimento das coisas finitas, o conhecimento do mundo. Por ser finito, o nosso pensamento não pode pensar o infinito – não há proporção entre o finito e o infinito [...] Tudo o que conhecemos está sujeito a essa limitação, pelo que conhecer é, antes de tudo, conhecer essa limitação. Daí o saber do não saber[...] Ignorar de maneira douda implica uma laboriosa reflexão sobre os limites do nosso saber, sobre as possibilidades que eles nos abrem e as exigências que nos criam". (Boaventura de Souza Santos, " A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal")

[...]

Os limites e as possibilidades do que um dado tipo de saber permite conhecer sobre uma dada experiência humana decorrem de esta ser também conhecida por outros saberes que esse saber ignora. Os limites e as possibilidades de cada saber residem, assim, em última instância, na existência de outros saberes e, por isso, só podem ser explorados e valorizados na comparação com outros saberes. Quanto menos um dado saber conhecer os limites do que conhece sobre os outros saberes, tanto menos conhece os seus próprios limites e possibilidades. A comparação não é fácil, mas nela reside a douda ignorância adequada ao nosso tempo. (Boaventura Souza Santos, " A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal")

Numa pegada mais leve, pode-se traduzir a douda ignorância por uma outra palavra aproximativa, mais prosaica e infantil, que movimenta nossa relação com o conhecimento desde cedo:

A palavra curiosidade será sempre importante. Estar sempre atento ao que não conhece; interessar-se mais pelo que não conhece do que pelo que conhece. Se uma ciência segue tal regra, irá, naturalmente, se misturar com outras ciências [...] não é possível, sem um contágio e uma mistura entre áreas, ter, minimamente, uma percepção do que estamos aqui a fazer [...] Para mim é claro que as pessoas mais criativas numa determinada área - digamos na matemática, na física, na geografia ou na literatura - são aquelas que, normalmente, trazem ideias de outras áreas e conseguem aplicá-las de uma maneira diferente na sua área de especialização [...] Não é por acaso que aquelas metáforas e algumas histórias, como a maçã cair sobre a cabeça de Newton, a eureka na banheira de Arquimedes, dizem a todos nós que aquelas pessoas começaram a descobrir, quando estavam a pensar noutras coisas, quando estavam noutros contextos e não nos seus laboratórios. Debaixo de uma macieira, não no laboratório. A grande lição é essa: os grandes cientistas descobriram algo quando se afastaram de suas áreas, misturaram áreas, e foram apanhados, em cheio, pelo mundo. (Gonçalo M. Tavares, "De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda")

É possível que uma sensação assim tenha sobressaltado os estudantes do professor Joseph Jacotot, no ano de 1818, quando este exilou-se na Universidade de

Louvain, Bruxelas, para ensinar literatura francesa. Jacotot não falava uma palavra de flamenco e os alunos não conheciam o francês. Diante do impasse comunicacional, surge uma saída. Uma edição bilingue do *Telêmaco* de Fenelon é indicada aos alunos, que deverão se virar sozinhos no estudo da obra em francês, deduzindo palavras e sentidos, com o suporte da tradução. Quando eles haviam atingido a metade do livro, o professor mandou dizer-lhes que narrassem o que haviam aprendido, já esperando pelo pior. De que forma aqueles jovens, destituídos de qualquer explicação, poderiam enfrentar uma língua inteiramente desconhecida a partir de um texto complexo como o *Telêmaco*? A alegria maior foi perceber que os estudantes, sem qualquer apoio do professor, haviam aprendido o que o mestre não havia ensinado. Sozinhos, eles haviam buscado as palavras francesas correspondentes ao texto em holandês, entenderam como combiná-las para fazer frases francesas cada vez mais perfeitas sintaticamente, à medida que avançavam na leitura do livro e eram convocados a contar por escrito e em voz alta aquilo que liam. Esta pequena fábula real, parafraseada do livro de Jacques Rancière *O mestre ignorante*, culmina numa súbita iluminação do mestre Jacotot:

... as palavras que a criança aprende melhor, aquelas em cujo sentido ela penetra mais facilmente, de que se apropria melhor para seu próprio uso, são as que aprende sem mestre explicador, antes de qualquer mestre explicador. No rendimento desigual das diversas aprendizagens intelectuais, o que todos os filhos dos homens aprendem melhor é o que nenhum mestre lhes pode explicar - a língua materna. Fala-se a eles, e fala-se em torno deles. Eles escutam, retêm, imitam e repetem, erram e se corrigem, acertam por acaso e recomeçam por método, e, em idade muito tenra para que os explicadores possam realizar sua instrução, são capazes, quase todos - qualquer que seja seu sexo, condição social e cor de pele - de compreender e de falar a língua de seus pais. (Jacques Rancière, *O mestre ignorante*)

Ao fim e ao cabo, o que Jacotot entendeu, segundo nos relata Rancière, é que bastavam as frases de Fenélon e as frases equivalentes do tradutor holandês para compreender as frases de Fenélon e para narrar o que delas se compreendeu. Estudar por adivinhação, tatear às escuras, como fazem as crianças que se aventuram na estrangeiridade de sua língua materna, foi o método adotado a partir de então na classe de Jacotot. Liberado do papel tradicional de mediador entre a inteligência do texto e a ignorância do aprendiz, e seguro de que não era o saber do mestre que ensinava o aluno, nada o impedia agora de ensinar matérias em que sua incompetência era flagrante, como o piano e a pintura.

Mas a Universidade de Louvain já se inquietava demais em relação a esse leitor extravagante por quem os alunos desertavam dos cursos magistrais, para espremer-se, à noite, em uma sala muito pequena e apenas iluminada por duas velas. (Jacques Rancière, *O mestre ignorante*)

Se Walter Benjamin fosse o narrador desta experiência de Jacotot, possivelmente não teria deixado passar batido o detalhe insignificante das duas velas na ambientação do estudo. A esfera de influência do mundo dos objetos na organização da vida humana foi sempre uma força determinante do potencial crítico do pensador alemão. Daí que o matizado das sombras projetadas pela luz das velas tenha um impacto decisivo na caracterização que faz dos estudantes na obra de Kafka. Descreve-os como criaturas em estado de névoa e habitantes de mundos intermediários e sugere que luz baça alcança também seus modo cambaleantes de agir e de pensar:

Nenhuma de suas criaturas tem um lugar fixo, um contorno fixo e próprio, não há nenhuma que não esteja subindo ou descendo, nenhuma que não seja intercambiável com um vizinho ou um inimigo, nenhuma que não tenha consumido o tempo à sua disposição, permanecendo imatura, nenhuma que não esteja profundamente esgotada, e ao mesmo tempo no início de uma longa jornada. (Walter Benjamin, "Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte")

Estas figuras ambíguas, que Benjamin também qualifica como insuficientes, inacabadas, inábeis, desastradas e, dotadas de uma graça que se desprende de seus modos infantis, aludem a uma espécie de "cidadania perdida", como as lê Agamben, como se trouxessem notícias de algo esquecido, que não sabemos identificar bem o que seja. São mensageiros ignorantes, que "ignoram o conteúdo das cartas que têm de entregar", mas cujos gestos parecem em si mesmos uma mensagem cifrada, que ninguém pode extinguir. Que estranha revelação carregam os estudantes sem saber? E no contato com eles, que tipo de ajuda nos prestam?

Em 1972, Roland Barthes escreve um prefácio à revista *Communications*, que reunia então os primeiros trabalhos escritos por jovens estudantes de doutorado, recentemente engajados na pesquisa. Também Barthes os vê como figuras intermediárias, mas numa outra perspectiva:

No limiar de seu trabalho, o estudante sofre uma série de divisões. Como jovem, ele pertence a uma classe econômica definida por sua improdutividade: não é nem proprietário nem produtor; está fora do intercâmbio, e até, por assim dizer, fora da exploração: socialmente, está excluído de qualquer nomeação. Como intelectual, é levado pela hierarquia dos trabalhos, é visto como participante de um luxo especulativo de que não pode, entretanto usufruir, pois não possui o domínio deles, quer dizer, a disponibilidade de comunicação. Como pesquisador, está voltado à separação dos discursos: de um lado, o discurso da cientificidade (discurso de Lei) e, do outro, o discurso do desejo, ou da escritura. (Roland Barthes, "Jovens pesquisadores")

Há algo nesta situação fronteiriça que precisa ser decidido de uma vez por todas para Barthes, porque é inconcebível que o trabalho de pesquisa seja assumido por qualquer outra instância ou força que não o desejo da escritura.

Se essa assunção não se dá, o trabalho é moroso, funcional, alienado, movido apenas pela necessidade de prestar um exame, de obter um diploma, de garantir uma promoção na carreira. Para que o desejo se insinue no meu trabalho, é preciso que esse trabalho me seja *pedido* não por uma coletividade que pretende garantir para si o meu labor (a minha pena) e contabilizar a rentabilidade do investimento feito em mim, mas por uma assembleia viva de leitores em quem se faz ouvir o desejo do Outro [...] Quisemos aqui que o trabalho de pesquisa fosse, *desde o princípio*, objeto de uma solicitação forte, formulada fora da instituição e que só podia ser uma solicitação de escritura. Bem entendido, o que figura neste número é apenas um pedacinho de utopia, pois julgamos que a sociedade não está pronta para conceder com largueza, institucionalmente, ao estudante, e singularmente ao estudante "de letras", essa felicidade: que se tenha necessidade dele; não de sua competência ou de sua função futura, mas de sua paixão presente. (Roland Barthes, "Jovens Pesquisadores")

Não se deve confundir paixão presente com a reivindicação de uma liberdade inocente e espontânea, posto que o espontâneo, como nos alerta o próprio Barthes é o campo imediato do já-dito, da repetição de significados já sedimentados na cultura:

Essa liberdade *deve* ser uma virtuosidade: a que enfim permite ler no texto tutor, por mais antigo que seja, a divisa de toda escritura: *está circulando*. (Roland Barthes, "Jovens Pesquisadores")

Os estudantes *estão circulando*. Também eles são letras, signos que circulam, imagens que passam. Estão por toda parte e não se deixam apagar. Circulam e exibem sua ignorância e sua fome de estudo.

Não há comunidade viva sem uma fenomenologia da apresentação, em que cada um afronta - atrai ou repele, deseja ou devora, olha ou evita - o outro." (George Didi-Huberman, *Sobrevivência dos vaga-lumes*)

O fenômeno da bioluminescência dos vagalumes interessou a George Didi-Huberman na confecção de imagens para espantar o pessimismo e reacender o princípio esperança. Contra a luz ofuscante de sistemas totalitários de planificação de nações, pensamentos e afetos, reivindica, a partir de um conjunto heterogêneo de obras, um coletivo de luzes piscantes e breves, que dão a ver de relance aquilo que está prestes a sumir, e no entanto persiste:

Os vaga-lumes, depende apenas de nós não vê-los desaparecerem. Ora, para isso, nós mesmos devemos assumir a liberdade do movimento, a retirada que não seja fechamento sobre si, a força diagonal, a faculdade de fazer aparecer parcelas de humanidade, o desejo indestrutível. Devemos nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, formar novamente uma comunidade do desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer *sim* na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o *não* da luz que nos ofusca (George Didi-Huberman, *Sobrevivência dos vagalumes*)

A criança que tateia palavras desconhecidas, o leitor flamenco "perdido" em seu Telêmaco, o estudante insone que se observa de uma sacada, a maçã que de repente cai na cabeça do cientista, pessoas reunidas numa sala para dirigir umas às outras perplexidades de suas pesquisas são pequenas apostas numa pulsão de movimento e de contato com o que está o tempo todo nascendo e escapando das mãos, aparecendo e desaparecendo. Estudar é uma forma intensa de viver essas intermitências.

E agora vamos apagar as luzes elétricas para ver como fica. (Junichiro Tanizaki, *Em louvor da sombra*)

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. "Ideia do estudo". **Ideia da prosa**. Tradução de João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999, pp.52-56.

AGAMEN, Giorio. "Os ajudantes". **Profanações**. Tradução de Luísa Feijó. Lisboa: Cotovia, pp. 39-49.

BARTHES, Roland. "Jovens pesquisadores". **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, pp.98-106.

BENJAMIN, Walter. "Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário e sua morte". **Obras escolhidas: magia, técnica e arte política**. vol 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp.137-164.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2011.

HELLER-ROAZEN, Daniel. "O animal menor". **Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas**. Tradução de Fabio Akcelrud Durão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, pp.109-124.

KAFKA, Franz. **O desaparecido ou Amerika**. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2003.

KAFKA, Franz. "Crianças na Rua Principal". **Contemplação. O Foguista**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp.9-13.

LARROSA, Jorge. "Imagens do estudar". **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, pp. 199-207.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílían do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Boaventura Souza. "A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal". Disponível em http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/47_Douta%20Ignorancia.pdf

TANIZAKI, Junichiro. **Em louvor da sombra**. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TAVARES, Gonçalo M. "De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda". In: HISSA, Cassio E. Viana (Org.). **Conversações: de artes e de ciência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp.125-150.

TAVARES, Gonçalo M. **Breves notas sobre ciência**. Florianópolis: Ed. da UFSC: Ed. da Casa, 2010.